

“O Caso de Charles Dexter Ward” — H.P. Lovecraft
Fonte: “O Caso de Charles Dexter Ward”. Ed. L&PM.

Capítulo um

Um resultado e um prólogo

1

DE UM HOSPITAL particular para doentes mentais, nas proximidades de Providence, em Rhode Island, desapareceu há pouco tempo uma pessoa extraordinariamente singular. Chamava-se Charles Dexter Ward e fora internado com grande relutância do pai, o qual, pesaroso, vira sua aberração transformar-se de mera excentricidade numa lúgubre obsessão que implicava a possibilidade de tendências assassinas e uma mudança peculiar de sua estrutura mental. Os médicos confessam-se bastante desconcertados com seu caso, pois apresenta singularidades de caráter fisiológico geral e, ao mesmo tempo, psicológico.

Em primeiro lugar, o paciente parecia estranhamente mais velho do que atestavam seus vinte e seis anos. É verdade que uma perturbação mental faz uma pessoa envelhecer depressa, mas o rosto desse jovem assumira uma aparência grácil que só os muito idosos normalmente adquirem. Em segundo lugar, seus processos orgânicos mostravam uma certa estranheza de proporções que não encontrava paralelo na experiência médica. A respiração e o funcionamento cardíaco tinham uma desconcertante falta de simetria, a voz sumira, a ponto de lhe ser impossível emitir qualquer som mais alto do que um sussurro, a digestão era incrivelmente prolongada e reduzida ao mínimo, e as reações nervosas aos estímulos comuns não tinham qualquer relação com tudo o que, normal ou patológico, fora antes registrado no passado. A pele era morbidamente fria e a estrutura celular do tecido parecia exageradamente áspera e frouxa. Até uma marca de nascença, grande e cor de oliva sobre o quadril direito, havia desaparecido e, ao mesmo tempo, formara-se sobre seu peito uma verruga muito peculiar, uma mancha enegrecida, da qual não havia sinal antes. Em geral, todos os médicos concordam que em Ward os processos metabólicos estavam retardados num grau inusitado.

Do ponto de vista psicológico, Charles Ward era singular. Sua loucura não tinha nenhuma afinidade com qualquer caso já registrado, inclusive nos tratados mais recentes e abrangentes, e se combinava a uma energia mental que o tornaria um gênio ou um líder não tivesse degenerado em formas estranhas e grotescas. O doutor Willett, o médico da família Ward, afirma que toda a capacidade mental do paciente, a julgar por sua reação às questões externas à esfera de sua insanidade, em realidade aumentara desde que adoecera. Ward, em verdade, sempre fora um estudioso e um apreciador de antiguidades; mas mesmo suas obras anteriores mais brilhantes não mostravam o prodigioso domínio e a profundidade revelados durante os exames a que os psiquiatras o submeteram. Em realidade, foi difícil conseguir sua internação legal no hospital, tão poderosa e lúcida parecia a mente do jovem, e somente as provas apresentadas por outras pessoas e a quantidade de lacunas anormais em seu cabedal de informações, em contraposição à sua inteligência, permitiram que ele fosse por fim internado. Na época de seu desaparecimento era um ávido leitor e um conversador tão grande quanto sua fraca voz lhe permitia, e observadores agudos, incapazes de prever sua fuga, prognosticavam que ele não demoraria muito a obter a autorização para sair do hospital.

2

Somente o doutor Willett, que trouxera ao mundo Charles Ward e acompanhara o desenvolvimento de seu corpo e espírito, parecia alarmado com a idéia de sua futura liberdade. Ele tivera uma terrível experiência e fizera uma terrível descoberta que não ousava revelar aos colegas

céticos. Em realidade, Willett guarda para si um pequeno mistério em seu envolvimento com o caso. Ele foi a última pessoa a ver o paciente antes da fuga e saiu daquela derradeira entrevista num estado de horror misturado a alívio lembrado por muitos ao ser conhecida a fuga de Ward, três horas mais tarde. A fuga em si é um dos mistérios não solucionados do hospital do doutor Waite. Uma janela aberta sobre uma abrupta queda de vinte metros não a explicaria; contudo, após aquela conversa com Willett, o jovem inegavelmente desaparecera. O próprio Willett não tem explicações satisfatórias para oferecer, embora estranhamente seu espírito pareça mais aliviado do que antes da fuga. Muitos, em realidade, acham que ele gostaria de dizer mais coisas se acreditasse que um número considerável de pessoas lhe daria crédito. Encontrara Ward em seu quarto, mas, pouco depois que o médico saíra, os atendentes bateram em vão à porta. Ao abri-la, constataram que o paciente não estava lá e só encontraram a janela aberta através da qual uma brisa gélida de abril trouxe para dentro uma nuvem de fino pó cinza-azulado que quase os sufocou. É verdade que os cães uivaram algumas vezes antes, mas isto foi enquanto Willett ainda estava presente; os animais não pegaram nada e em seguida se acalmaram. O pai de Ward foi informado imediatamente por telefone, contudo pareceu mais entristecido do que surpreso. Quando o doutor Waite foi visitá-lo pessoalmente, o doutor Willett já havia conversado com ele e ambos negaram qualquer conhecimento ou cumplicidade na fuga. Só foi possível obter algumas indicações de poucos amigos íntimos de Willet e de Ward pai, e mesmo estas eram extremamente fantásticas para que se lhes pudesse dar crédito. O único fato concreto é que até o momento não foi descoberto nenhum vestígio do louco desaparecido.

Charles Ward amava as coisas antigas desde a infância e indubitavelmente adquirira essa predileção por causa da antiguidade da cidade em que vivia e pelas relíquias do passado que enchiam cada canto da velha mansão dos pais em Prospect Street, no cume da colina. Com o passar dos anos, sua paixão pelas coisas antigas aumentava de forma que história, genealogia e o estudo da arquitetura, do mobiliário e da arte colonial acabaram por ocupar totalmente sua esfera de interesses. É importante lembrar estas predileções ao analisar sua loucura, pois muito embora não constituam absolutamente seu cerne, desempenham um papel proeminente em sua forma superficial. As lacunas de informação detectadas pelos psiquiatras estavam todas relacionadas a assuntos modernos e invariavelmente eram contrabalançadas por um correspondente e excessivo, embora exteriormente disfarçado, conhecimento de assuntos do passado, revelado porém por um hábil interrogatório: de modo que se poderia imaginar que o paciente literalmente se transferira para uma época anterior por alguma obscura espécie de auto-hipnose. O estranho era que Ward não parecia mais interessado pelas coisas antigas que conhecia tão bem. Aparentemente, perdera o apreço por elas por causa da mera familiaridade, e todos os seus esforços recentes estavam obviamente voltados para o domínio dos fatos comuns do mundo moderno que se haviam apagado de maneira tão completa e inequívoca de seu cérebro. E ele se esforçava para esconder tal aniquilação, mas era claro para quem o observava que todo o seu programa de leituras e conversações era determinado por um frenético desejo de sorver os conhecimentos de sua própria vida e da formação cultural e prática comum do século XX que ele deveria possuir pelo fato de ter nascido em 1902 e de ter sido educado nas escolas do nosso tempo. Os psiquiatras perguntam-se agora, tendo em vista a destruição total de seu cabedal de informações, como o paciente fugitivo conseguira fazer frente ao complexo mundo dos nossos dias; e a opinião comum é que estaria se escondendo numa função humilde e discreta até que seu cabedal de informações modernas pudesse voltar ao nível normal.

O início da loucura de Ward constitui matéria de debate entre os psiquiatras. O doutor Lyman, a eminente autoridade de Boston, situa-o entre 1919 e 1920, o último ano que o rapaz cursara na Escola Moses Brown, quando subitamente se desviou do estudo do passado para o do oculto e recusou preparar-se para a universidade, alegando que tinha pesquisas pessoais muito mais importantes a realizar. Com certeza, isto foi uma decorrência da alteração dos hábitos de Ward na época, principalmente de sua busca contínua, nos registros da cidade e entre antigos cemitérios, de certa sepultura aberta em 1771: o túmulo de um ancestral chamado Joseph Curwen, do qual alegara

ter encontrado certos papéis atrás dos lambris de uma casa muito antiga de Olney Court, em Stampers Hill, em que notoriamente Curwen havia vivido.

É inegável que no inverno de 1919-20 houve uma grande mudança em Ward; de fato, ele parou de repente suas atividades de antiquário, empreendendo uma investigação profunda no campo do ocultismo em seu país e no exterior, alternando-a apenas à busca estranhamente obstinada do túmulo do seu antepassado.

O doutor Willett, contudo, discorda substancialmente dessa opinião, baseando seu parecer no prolongado conhecimento íntimo do paciente e em algumas pesquisas e descobertas assustadoras feitas a seu respeito. Essas pesquisas e descobertas deixaram nele uma marca tão profunda que ao falar nelas sua voz treme e treme-lhe a mão ao escrever sobre elas. Willett admite que a mudança ocorrida em 1919-20 parece marcar o início de uma decadência progressiva que culminou na horrível, triste e misteriosa alienação mental de 1928, mas acredita, baseado na observação pessoal, que é preciso fazer uma distinção mais nítida. Reconhecendo que o rapaz sempre teve um temperamento pouco equilibrado e propenso a uma suscetibilidade e a um entusiasmo excessivos em suas reações aos fenômenos que o cercavam, ele se recusa a admitir que as primeiras mudanças marcam a passagem da razão à loucura; ao contrário, prefere acreditar na própria afirmação de Ward, de que descobrira ou redescobrira algo cujo efeito sobre o pensamento humano seria provavelmente maravilhoso e profundo.

A loucura verdadeira, ele tem certeza disso, apareceu com uma mudança posterior, depois do descobrimento do retrato e dos velhos papéis de Curwen; após uma viagem a estranhos lugares no exterior, após recitar certas terríveis invocações em estranhas e secretas circunstâncias; depois de obter claramente certas *respostas* a essas invocações e de redigir uma carta em condições angustiantes e inexplicáveis; depois da onda de vampirismo e dos infaustos boatos em Pawtuxet; e depois que a memória do paciente começou a excluir as imagens contemporâneas ao mesmo tempo em que sua voz falhava e seu aspecto físico ia sofrendo a sutil modificação que tantas pessoas mais tarde notaram.

Somente nessa época, salienta Willett com grande agudeza, o clima de pesadelo passou a ser inquestionavelmente associado a Ward e o médico, estremecendo de pavor, está seguro de que existem provas bastante concretas corroborando a afirmação do rapaz quanto à sua descoberta crucial. Em primeiro lugar, dois trabalhadores muito inteligentes viram os velhos papéis de Joseph Curwen quando ele os descobriu. Em segundo, o rapaz uma vez lhe mostrou tais papéis e uma página do diário de Curwen, e cada um dos documentos tinha toda a aparência de autenticidade. O buraco onde Ward afirmou tê-los encontrado é uma realidade visível e Willett tivera oportunidade de vê-los pela última vez e de modo bastante convincente num local em que ninguém acreditaria ou cuja existência talvez jamais seria provada. Depois havia os mistérios e as coincidências das outras cartas de Orne e Hutchinson e o problema da caligrafia de Curwen e daquilo que os detetives trouxeram à luz a respeito do doutor Allen; essas coisas e a terrível mensagem em cursivo medieval encontrada no bolso de Willett quando recuperou a consciência após sua experiência chocante.

E mais conclusivos do que tudo são os dois horrendos *resultados* obtidos pelo médico com certas fórmulas durante suas investigações finais; resultados que praticamente comprovaram a autenticidade dos papéis e de suas monstruosas implicações, ao mesmo tempo em que os tais papéis foram subtraídos para sempre do conhecimento humano.

3

É preciso considerar os primeiros anos da vida de Charles Ward como algo que pertence ao passado e às antiguidades que ele amava tão ardentemente. No outono de 1918, com uma considerável manifestação de entusiasmo pelo adestramento militar da época, ele ingressara no primeiro ano da Escola Moses Brown, que fica bem próxima de sua casa. O antigo edifício principal, erguido em 1819, sempre agradara seu gosto pelas coisas antigas; e o amplo parque no qual se localiza a Academia atraía sua predileção pela paisagem. Suas atividades sociais eram poucas e passava grande parte de seu tempo em casa, em caminhadas sem destino, nas aulas e

deveres e na busca de dados arqueológicos e genealógicos na Prefeitura, na Assembléia Estadual, na Biblioteca Pública, na Sociedade Científica, na Sociedade Histórica, nas bibliotecas John Carter Brown e John Hay da Brown University e na Biblioteca Shepley, recentemente inaugurada em Benefit Street. Ainda é possível retratá-lo como era naquele tempo: alto, magro, loiro, olhos atentos e ligeiramente curvo, trajado de maneira um tanto negligente. A impressão predominante era de inócua falta de jeito mais que de encanto pessoal.

Suas caminhadas eram sempre aventuras pelo mundo do passado, durante as quais ele tentava recapturar as miríades de relíquias de uma fascinante cidade antiga, um retrato vivo e coerente de outros séculos. Sua casa era uma grande mansão georgiana no topo da colina bastante íngreme que se ergue a leste do rio, e das janelas posteriores ele olhava atordoado a multidão de pináculos, cúpulas, telhados e topos de arranha-céus da cidade baixa até as colinas em tons violeta nos campos distantes, ao fundo. Aqui ele nascera e do belo pórtico clássico na fachada de tijolos entre as duas janelas salientes a babá o conduzia para o primeiro passeio de carrinho; em frente à pequena casa branca da fazenda de duzentos anos, que há muito a cidade absorvera, em direção às imponentes escolas ao longo da rua suntuosa, cujas antigas mansões quadradas de tijolos e casas menores de madeira de pórticos estreitos com pesadas colunas dóricas pareciam sonhar, sólidas e exclusivas em meio aos seus generosos parques e jardins.

Havia sido conduzido também ao longo da sonolenta Congdon Street, um patamar abaixo na colina íngreme e com todas as suas casas a leste sobre altos terraços. As pequenas casas de madeira em geral eram mais antigas aqui, pois ao crescer a cidade fora subindo por esta colina. Nesses passeios ele absorvera um pouco da cor de uma pitoresca aldeia colonial. A babá costumava parar e sentar-se nos bancos de Prospect Terrace para conversar com os guardas; e uma das primeiras lembranças da criança era o imenso mar de nebulosos telhados, cúpulas, campanários e colinas distantes a ocidente, que vira numa tarde de inverno daquele grande terraço com balaustrada, violeta e místico contra um pôr-de-sol apocalíptico, de febris tons vermelhos, ouro, púrpura e curiosos verdes. A imensa cúpula de mármore da Assembléia destacava-se com sua maciça silhueta, a estátua do topo aureolada fantasticamente por um rasgo na camada de nuvens matizadas que barravam o céu chamejante.

Quando ele cresceu, começaram suas famosas caminhadas; primeiro com a babá, arrastada com impaciência, e depois sozinho em sonhadora meditação. Ele se aventurava cada vez mais longe, descendo a colina quase perpendicular, alcançando os planos mais antigos e pitorescos da cidade velha. Hesitava cautelosamente descendo a vertical Jenckes Street com seus muros posteriores e frontões coloniais até a esquina da sombria Benefit Street, onde se erguiam dois portões antigos com colunas jônicas; ao seu lado, um telhado pré-histórico com mansarda, as ruínas de um primitivo quintal de fazenda e a imensa casa do juiz Durfee, com vestígios do fausto georgiano. Isto aqui estava se tornando um cortiço, mas os olmos titânicos espalhavam uma sombra restauradora sobre o lugar e o menino costumava dirigir-se para o sul — pelas longas fileiras de casas da época pré-revolucionária com suas grandes chaminés centrais e portais clássicos. Do lado oriental, elas se erguiam sobre porões com dois lances de degraus de pedra ladeados por balaústres de ferro, e o jovem Charles as imaginava como eram quando a rua era nova e saltos vermelhos e perucas adornavam os frontões pintados cujos sinais de deterioração já se tornavam tão visíveis.

A oeste, a colina despencava quase tão verticalmente como acima, até a velha "Town Street" que os fundadores haviam projetado à beira do rio em 1636. Aqui estendiam-se inúmeras vielas com casas amontoadas, apoiadas umas às outras, antiqüíssimas; embora fascinado, demorou muito até ousar palmilhar sua arcaica verticalidade, temeroso de que não passassem de um sonho ou o introduzissem a terrores desconhecidos. Achava muito menos ameaçador prosseguir por Benefit Street em frente às grades de ferro que cercavam o escondido cemitério da Igreja St. John e a parte posterior de Colony House, de 1761, e a massa da Golden Ball Inn, reduzida a ruínas, onde Washington se hospedara. Em Meeting Street — chamada sucessivamente Gaol Lane e King Street em outras épocas — ele costumava olhar para cima, em direção ao oriente, e contemplar os lances curvos de degraus com os quais a estrada subia a encosta, e depois para baixo, a ocidente, vislumbrando o antigo edifício colonial de tijolos da escola, que sorri do outro lado da rua sob a

antiga tabuleta com a Cabeça de Shakespeare, onde o *Providence Gazette and Country-Journal* era impresso antes da Revolução. Vinha então a bela Primeira Igreja Batista de 1775, faustosa, com seu incomparável campanário de Gibbs, e ao seu redor os telhados georgianos e as cúpulas como que suspensos no ar. Aqui e para o sul o bairro se tornava mais bonito, desabrochando finalmente num maravilhoso grupo de mansões primitivas. Mas as vetustas vielas ainda conduziam ladeira abaixo a oeste, espectrais no arcaísmo de suas inúmeras cúspides, mergulhando numa orgia de decadência iridescente onde o antigo porto de odores repulsivos lembra os gloriosos tempos das índias Orientais entre sordidez e vícios políglotas, desembarcadouros podres, velaria indistinta e nomes de ruas sobreviventes como Packet, Bullion, Gold, Silver, Coin, Doubloon, Sovereign, Guilden, Dollar, Dime e Cent.

Às vezes, à medida que ia crescendo e se tornava mais afoito, o jovem Ward se aventurava lá em baixo naquele turbilhão de casas trôpegas, bandeiras de janelas quebradas, degraus arrebitados, balaustradas retorcidas, rostos trigueiros e odores indefiníveis; virando de South Main para South Water, vasculhando as docas onde os vapores ainda atracavam na baía e voltando em direção ao norte para este terraço inferior, passando pelos armazéns de tetos muito inclinados de 1816 e a ampla praça na Great Bridge, aqui o edifício do Mercado de 1773 ainda se ergue firme sobre seus antigos arcos. Naquela praça ele costumava parar para contemplar a fantástica beleza da cidade velha sobre o penhasco oriental, coberta de cúspides georgianas e coroada pela imensa e nova cúpula da Christian Science, assim como Londres é coroada pela cúpula de São Paulo. Agradava-lhe extremamente chegar a este local no fim da tarde, quando os raios inclinados do sol inundam de ouro o edifício do mercado e os antigos telhados e campanários na colina e mergulham em sua magia os desembarcadouros sonolentos onde os navios de Providence, procedentes das índias, costumavam fundear. Após uma longa contemplação sentia o atordoamento de sua paixão de poeta por aquela paisagem, e então escalava a encosta em direção à sua casa, no crepúsculo, passando pela antiga igreja branca, subindo pelas ruas íngremes onde brilhos amarelos começavam a surgir nas janelas de pequenas vidraças e através das bandeiras das portas, lá no alto, sobre lances duplos de escadas com curiosas balaustradas de ferro trabalhado.

Em outras épocas, e nos últimos anos, ele costumava procurar contrastes vivos; realizando parte da caminhada pelos bairros coloniais em ruínas a noroeste de sua casa, onde a colina desce abruptamente até a elevação inferior de Stampers Hill com seu gueto e o bairro negro apertando-se ao redor da praça da qual a diligência de Boston costumava partir antes da Revolução, e a outra parte na graciosa região meridional das ruas George, Benevolent, Power e Williams, onde a velha encosta guarda intocadas as belas propriedades e trechos de jardins cercados por muros e vielas íngremes e verdes, nas quais perduram inúmeras e fragrantas memórias. Estas perambulações, juntamente com os estudos diligentes que as acompanhavam, com certeza são responsáveis pela quantidade de conhecimentos sobre arqueologia que no fim povoavam o mundo moderno na mente de Charles Ward e mostram o terreno espiritual sobre o qual caíram, naquele inverno fatal de 1919-20, as sementes brotadas daquela estranha e terrível fruição.

O doutor Willett está certo de que, até aquele malfadado inverno em que ocorreu a primeira mudança, a paixão de Charles Ward pela arqueologia não tinha qualquer sinal de morbidez. Os cemitérios não tinham para ele nenhuma atração particular além de seu exotismo e seu valor histórico, e ele estava totalmente isento de tudo que se assemelhasse a violência ou instintos selvagens. Foi então que, numa progressão insidiosa, pareceu desenvolver uma curiosa seqüela de um dos seus triunfos genealógicos do ano anterior, quando descobrira entre seus ancestrais maternos um indivíduo que teve vida muito longa, chamado Joseph Curwen, que para lá se mudara vindo de Salem em março de 1692 e em torno do qual sussurra vá-se uma série de boatos extremamente peculiares e inquietantes.

O tataravô de Ward, Welcome Potter, casara-se em 1785 com certa "Ann Tillinghast, filha de Eliza, filha do capitão James Tillinghast", de cuja paternidade a família não preservara qualquer vestígio. No final de 1918, examinando um volume de registros manuscritos originais da cidade, o jovem genealogista encontrou um assentamento descrevendo uma mudança legal de nome, pelo qual uma senhora Eliza Curwen, viúva de Joseph Curwen, retomava, juntamente com a filha Ann,

de sete anos de idade, o nome de solteira Tillinghast; alegando "que o nome de seu marido se tornara opróbrio público em razão do que se soubera após seu falecimento; confirmando um antigo boato, que não deveria ser levado em conta por uma esposa leal enquanto não se comprovasse que estava acima de qualquer dúvida". Este assentamento veio à luz pela separação acidental de duas folhas cuidadosamente coladas uma à outra para parecerem uma só após uma trabalhosa verificação dos números das páginas.

Ficou imediatamente claro para Charles Ward que havia de fato descoberto um tetravô até então desconhecido. A descoberta o emocionou duplamente porque já havia ouvido vagas histórias e observado alusões esparsas relacionadas a essa pessoa sobre a qual restavam tão poucos registros publicamente disponíveis, além daqueles só conhecidos nos tempos modernos, que quase parecia existir uma conspiração para apagá-la da memória. A descoberta, além disso, era de uma natureza tão singular e excitante que não se poderia deixar de pensar no que os escrivães coloniais estavam tão ansiosos por ocultar e esquecer, ou suspeitar que a passagem fora suprimida por razões totalmente válidas.

Antes disso, Ward contentara-se em deixar adormecida sua fascinação pelo velho Joseph Curwen; mas ao descobrir seu parentesco com esse personagem sobre o qual se preferia silenciar, passou a perseguir da maneira mais sistemática possível tudo o que podia achar a seu respeito. Nessa agitada busca, ele acabou alcançando um sucesso superior às suas expectativas mais ousadas, pois velhas cartas, diários e pilhas de livros de memórias não publicadas encontrados nas águas-furtadas cheias de teias de aranhas de Providence e de outros lugares continham muitas passagens esclarecedoras que seus autores não haviam achado necessário destruir. Uma informação acidental surgiu até mesmo num lugar tão distante como Nova Iorque, onde uma correspondência da época colonial de Rhode Island estava guardada no Museu de Francês' Tavern. A coisa realmente crucial, entretanto, e o que na opinião do doutor Willett constituiu a causa definida da desgraça de Ward, foi o material encontrado em agosto de 1919 atrás dos lambris de madeira da casa semidestruída de Olney Court. Foi aquilo, sem sombra de dúvida, que escancarou as visões negras cujo fim era mais profundo do que o inferno.

Capítulo dois

Antecedente e horror

1

Joseph Curwen, segundo revelaram as vagas lendas ouvidas ou descobertas por Ward, era um indivíduo extremamente assombroso, enigmático, sombriamente horrível. Ele fugira de Salem para Providence — o abrigo universal dos excêntricos, dos homens livres e dos dissidentes — no início do grande pânico da bruxaria, temendo ser acusado por causa de seus hábitos solitários e de suas curiosas experiências químicas e alquimistas. Era um homem de aspecto insignificante, de cerca de trinta anos de idade; logo foi considerado digno de se tornar um cidadão de Providence; adquiriu então um lote para habitação ao norte daquele de Gregory Dexter, aproximadamente no início de Olney Court. Sua casa foi construída em Stampers Hill a oeste de Town Street, na parte que mais tarde se chamaria Olney Court, e em 1761a substituiu por outra maior, no mesmo local, que ainda está de pé.

A primeira coisa estranha em Joseph Curwen era o fato de que ele não parecia mais velho do que era na época de sua chegada. Ingressou no negócio dos transportes marítimos, adquiriu alguns desembarcadouros nas proximidades de Mile-End Cove, ajudou a reconstruir a Great Bridge em 1713 e a Igreja Congregacional sobre a colina; mas sempre conservava o aspecto indefinível de um homem não muito acima dos trinta ou trinta e cinco anos. Com o passar das décadas, esta característica singular começou a despertar grande atenção, mas Curwen sempre a explicava dizendo que descendia de antepassados vigorosos e levava uma vida simples que não o desgastava. De que maneira tal simplicidade poderia se conciliar com as inexplicáveis idas e vindas do

comerciante e com estranhos brilhos em suas janelas a todas as horas da noite não era muito claro para as gentes da cidade, que estavam propensas a atribuir outras razões à sua perene juventude e longevidade. A maioria acreditava que isto teria muito a ver com incessantes misturas e cocção de substâncias químicas. Diziam os boatos que ele mandava vir estranhas substâncias de Londres e das índias em seus navios ou as adquiria em Newport, Boston e Nova Iorque, e quando o velho doutor Jabez Bowen chegou de Rehoboth e abriu sua loja de boticário do outro lado da Great Bridge com o Unicórnio e o Almofoariz na tabuleta sobre a porta, houve intermináveis falatórios a respeito das drogas, ácidos e metais que o taciturno recluso continuamente comprava ou encomendava. Supondo que Curwen possuísse uma assombrosa e secreta habilidade de médico, muitos que sofriam de várias doenças recorriam a ele, mas embora parecesse encorajar sua convicção, ainda que de modo cauteloso, e sempre lhes desse poções de cores estranhas para atendê-los, observava-se que as coisas que ele ministrava aos outros raramente eram eficazes. Finalmente, quando mais de cinquenta anos haviam se passado desde a chegada do forasteiro, sem produzir uma mudança de mais de cinco anos em seu rosto e físico, as pessoas começaram a murmurar de maneira ainda mais insistente e atender quase totalmente ao desejo de isolamento que ele sempre manifestara.

Cartas pessoais e diários da época revelam também uma profusão de outras razões pelas quais Joseph Curwen era olhado com estranheza, temido e, no fim, evitado como a peste. Sua paixão pêlos cemitérios, nos quais era visto a todas as horas e com qualquer tempo, era notória, embora ninguém tivesse presenciado qualquer ato de sua parte que pudesse de fato ser definido como vampiresco. Ele possuía uma fazenda na Pawtuxet Road, na qual costumava morar durante o verão e para a qual frequentemente podia ser visto dirigir-se a cavalo nas horas mais estranhas do dia e da noite. Aqui, seus únicos empregados, trabalhadores braçais e guardas, eram dois taciturnos índios da tribo Narragansett: o marido mudo e com curiosas cicatrizes, e a mulher com uma expressão extremamente repulsiva, talvez devido a uma mistura com sangue negro. Num anexo dessa casa ficava o laboratório onde era realizada a maior parte das experiências químicas. Carregadores e carroceiros que entregavam garrafas, sacos ou caixas nas portas traseiras da casa bisbilhotavam e trocavam relatos sobre os fantásticos frascos, crisóis, alambiques e fornalhas que viam no quarto baixo cheio de prateleiras, e profetizavam em sussurros que o calado "quimista" — querendo dizer "alquimista" — não demoraria a descobrir a Pedra Filosofal. Os vizinhos mais próximos à sua fazenda — os Fenners, distantes um quarto de milha — tinham coisas ainda mais fantásticas para contar a respeito de certos sons que, afirmavam, vinham da casa de Curwen à noite. Eram gritos, diziam, e uivos prolongados, e eles não gostavam da grande quantidade de gado que invadia os pastos, porque essa quantidade não era necessária para suprir um velho solitário e pouquíssimos empregados com carne, leite e lã. A identidade do gado parecia mudar de semana a semana quando novos rebanhos eram comprados dos fazendeiros de Kingstown. E depois também havia algo extremamente detestável com relação a um grande edifício de pedra, pouco distante da casa, com estreitas fendas em lugar das janelas.

Os desocupados da Great Bridge tinham muito para comentar sobre a casa de Curwen na cidade, em Olney Street; não tanto a casa nova, bonita, construída em 1761, quando o homem devia ter aproximadamente um século, mas a primeira, baixa, o telhado com água-furtada, sem janelas, revestida de tábuas, cujo madeiramento ele tomou a peculiar precaução de queimar após a demolição. Aqui havia menos mistério, é verdade, mas as horas nas quais as luzes eram vistas, o ar furtivo dos dois forasteiros morenos que constituíam a única criadagem masculina, os horríveis e indistintos murmúrios da governanta francesa incrivelmente velha, a grande quantidade de comida que era vista entrar por uma porta atrás da qual viviam apenas quatro pessoas e a *qualidade* de certas vozes ouvidas frequentemente em conversais abafadas em horas totalmente inadequadas, tudo isto combinava com o que se sabia da fazenda Pawtuxet para conferir ao lugar uma péssima fama.

Mesmo nos círculos mais seletos a residência de Curwen não deixava de ser comentada; pois, à medida que o recém-chegado se introduzira na igreja e no ambiente dos negócios da cidade, travara naturalmente conhecimento com pessoas da melhor espécie, cuja companhia e conversação estava bastante apto a apreciar. Sabia-se que nascera de boa família, porque os Curwens de Salem

não precisavam de apresentação na Nova Inglaterra. Soube-se que Joseph Curwen viajara muito na juventude, que vivera um tempo na Inglaterra e fizera pelo menos duas viagens ao Oriente; e sua conversação, quando se dignava usá-la, era a de um inglês instruído e culto. Mas, por alguma razão, Curwen não se importava com a sociedade. Embora em realidade ele jamais recebesse mal um visitante, sempre erguia um muro de reserva tão grande que poucos conseguiam dizer-lhe alguma coisa que não soasse tola.

Em seu comportamento parecia haver sempre à espreita uma certa arrogância enigmática, sardônica, como se, tendo convivido entre estrangeiros e homens mais poderosos, tivesse concluído que todos os seres humanos eram obtusos. Quando o doutor Checkley, famoso por sua sabedoria, chegou de Boston em 1738 para se tomar o reitor da King's Church, não deixou de visitar alguém a cujo respeito tanto ouvira falar; mas saiu pouco depois por ter percebido algo sinistro nas conversas de seu anfitrião. Charles Ward disse a seu pai, quando discutiam sobre Curwen numa noite de inverno, que daria tudo para saber o que o misterioso velho teria dito ao brilhante clérigo, mas todos os diários concordam quanto à relutância do doutor Checkley em repetir algo daquilo que ouvira. O bom homem ficara terrivelmente chocado e jamais conseguira lembrar de Joseph Curwen sem perder, de maneira evidente, a jovial cortesia que o tomara famoso.

No entanto, mais definida era a razão pela qual outro homem de refinamento e berço evitava o arrogante ermitão. Em 1746, o senhor John Merritt, um idoso cavalheiro inglês, com tendências literárias e científicas, chegou de Newport à cidade que já a superava rapidamente em prestígio e construiu uma bela casa de campo no Neck, no que é hoje o coração da zona residencial. Ele vivia com considerável estilo e conforto, era proprietário da primeira carruagem e de criados de libré da cidade, orgulhando-se grandemente de seu telescópio, microscópio e de sua seleta biblioteca de livros ingleses e latinos. Ouvindo falar de Curwen como o proprietário da melhor biblioteca de Providence, o senhor Merritt lhe fez logo uma visita e foi recebido de modo mais cordial do que muitos outros visitantes da casa haviam sido. Sua admiração pelas amplas estantes do anfitrião, as quais, ao lado dos clássicos gregos, latinos e ingleses exibiam uma notável bateria de obras filosóficas, matemáticas e científicas, incluindo Paracelsus, Agrícola, Van Helmont, Sylvius, Glauber, Boyle, Boerhaave, Becher e Stahl, levou Curwen a sugerir uma visita à casa da fazenda e ao laboratório para onde jamais havia convidado quem quer que fosse antes; e os dois partiram imediatamente na carruagem do senhor Merritt.

O senhor Merritt sempre confessou não ter visto nada de realmente horrível na casa da fazenda, mas afirmou que os títulos dos livros da biblioteca especial sobre assuntos taumatúrgicos, alquimistas e teológicos que Curwen mantinha numa sala da frente, foram suficientes para inspirar-lhe uma aversão duradoura. Entretanto, foi talvez a expressão do rosto do proprietário ao exibí-los que contribuiu em grande parte para esse preconceito. Essa bizarra coleção, além de uma miríade de obras comuns que o senhor Merritt não se sentiu excessivamente alarmado em lhe invejar, abrangiam quase todos os cabalistas, demonólogos e mágicos conhecidos, e era um reservatório de tesouros do saber nos duvidosos reinos da alquimia e astrologia. Hermes Trismegisto na edição de Mesnard, a *Turba Philosopharum*, o *Liber Investigatianis* de Geber; e *A Chave da Sabedoria* de Artephous; estavam todos lá, com o cabalístico *Zohar*, a série *Albertus Magnus* de Peter Jamm, *Ars Magna et Ultima* de Raymond Lully na edição de Zetzner, *Thesaurus Chemicus* de Roger Bacon, *Clavis Alchimiae* de Fludd, *De Lapide Philosophico* de Tritêmio, um ao lado do outro. Os judeus e árabes medievais estavam representados em profusão e o senhor Merritt ficou pálido quando, ao retirar da estante um lindo volume com o título vistoso de *Qanoon- é- Islam*, descobriu tratar-se em verdade do proibido *Necronomicon* do louco árabe Abdul Alhazred, a cujo respeito ouvira sussurrar coisas monstruosas, alguns anos antes, após a descoberta de ritos abomináveis na estranha aldeiazinha de pescadores de Kingsport, na Província de Massachusetts-Bay.

Mas, curiosamente, o digno cavalheiro confessou-se perturbado de modo mais indefinível por um detalhe insignificante. Sobre a imensa mesa de mogno jazia virado para baixo um exemplar de Borellus, gasto pelo uso, trazendo muitas notas misteriosas escritas à mão por Curwen ao pé da página e entre as linhas. O livro estava aberto mais ou menos no meio e um parágrafo exibia riscos tão grossos e trêmulos debaixo das linhas em místico gótico antigo que o visitante não resistiu à

tentação de examiná-las atentamente. Ele não soube dizer se foi a natureza do trecho sublinhado ou a forma febril dos traços com que estava marcado, mas algo nessa combinação o impressionou de um modo muito profundo e peculiar. Lembrou-o até o fim da vida e o transcreveu de memória em seu diário. Uma vez tentou recitá-lo ao seu amigo, doutor Checkley, até notar quão profundamente aquilo perturbava o polido vigário. O trecho dizia:

"Os sais essenciais dos animais podem ser preparados e preservados de modo que um homem engenhoso pode ter toda a Arca de Noé em seu próprio escritório e fazer surgir a bela forma de um animal das cinzas deste a seu bel-prazer; e, pelo mesmo método, dos sais essenciais do pó humano, sem criminosa necromancia, um filósofo pode fazer reviver a forma de qualquer ancestral falecido das cinzas em que seu corpo se tomou".

Era, contudo, perto das docas, ao longo da parte meridional de Town Street, que se murmuravam as piores coisas a respeito de Joseph Curwen. Os marujos são gente supersticiosa e os calejados lobos-do-mar que constituíam a tripulação das inúmeras corvetas que traficavam com rum, escravos e melado, dos esbeltos navios corsários e dos grandes brigues dos Browns, Crawfords e Tillinghasts, todos faziam sinais estranhos e furtivos de esconjuro quando viam a figura magra e enganadoramente jovem, com os cabelos amarelecidos, ligeiramente curva, entrando nos armazéns Curwen em Doubloon Street ou conversando com capitães e comissários de bordo sobre os longos molhes aos quais atracavam incessantemente os navios de Curwen. Os próprios capitães e caixeiros de Curwen o odiavam e temiam e todos os seus marinheiros eram mestiços, um rebotalho da Martinica, Santo Eustáquio, Havana ou Port Royal. De certo modo, era a freqüência com a qual esses marujos eram substituídos que inspirava o aspecto mais concreto e mais agudo do medo que o velho suscitava. Ocorria que uma tripulação tinha licença para ir à cidade e alguns de seus membros eram encarregados de levar alguma encomenda; terminada a licença, quando a tripulação voltava a se reunir, quase certamente um ou outro homem estaria faltando. Muitos não podiam deixar de observar que diversas das encomendas diziam respeito à fazenda de Pawtuxet Road e que eram poucos os marinheiros que haviam sido vistos voltar daquele local. Assim, com o tempo, ficou extremamente difícil para Curwen manter aquela malta estranhamente sortida. Quase sempre muitos desertavam tão logo ouviam os boatos nos molhes de Providence e sua substituição nas índias Ocidentais tornou-se um problema cada vez maior para o comerciante.

Em 1760, Joseph Curwen era praticamente um proscrito, suspeito de vagos horrores e demoníacas alianças que pareciam mais ameaçadoras pelo fato de não poderem ser definidas, compreendidas ou mesmo comprovadas. A última gota foi talvez o caso dos soldados desaparecidos em 1758, pois em março e abril daquele ano dois regimentos reais a caminho da Nova França aquartelaram-se em Providence e inexplicavelmente registrou-se um número de deserções muito superior à média. Os boatos insistiam na freqüência com a qual Curwen costumava ser visto conversando com os estrangeiros de casaca vermelha; como vários deles começaram a desaparecer, as pessoas pensaram em episódios semelhantes ocorridos com seus próprios marujos. Ninguém pode dizer o que teria acontecido se os regimentos não tivessem recebido ordem de prosseguir.

Enquanto isso, os negócios do comerciante prosperavam em terra. Ele praticamente detinha o monopólio do comércio da cidade em salitre, pimenta preta e canela, e ultrapassava qualquer outra empresa de navegação, com exceção dos Browns, na importação de produtos de latão, índigo, algodão, lã, sal, cordas, ferro, papel e artigos ingleses de todo gênero. Comerciantes como James Green, no estabelecimento com a tabuleta do Elefante em Cheapside, os Russells, do estabelecimento Águia Dourada, do outro lado da Great Bridge, ou Clark e Nightingale, de A Frigideira e o Peixe, perto da Nova Casa de Café, dependiam quase totalmente dele para seus estoques; e seus negócios com os destiladores locais, os fabricantes de laticínios, os criadores de cavalos Narragansett e os fabricantes de velas de Newport tomavam-no um dos mais importantes exportadores da Colônia.

Embora fosse posto no ostracismo, não lhe faltava certo espírito cívico. Quando a Colony House foi destruída por um incêndio, ele contribuiu generosamente para as loterias graças às quais a nova casa de tijolos, que ainda existe na antiga Main Street, pôde ser construída em 1761. Naquele

mesmo ano, ele contribuiu ainda para a reconstrução da Great Bridge depois do furacão de outubro. Adquiriu muitos livros para a biblioteca pública para substituir os que haviam sido consumidos no incêndio da Colony House e fez vultosa contribuição para a loteria que permitiu pavimentar com grandes pedras redondas e uma calçada central ou "passeio" a enlameada Market Parade e a Town Street, cheias de sulcos profundos. Por volta dessa época, também, construiu a nova casa, simples porém excelente, cujo portão constitui uma obra-prima de entalhes em madeira. Quando os partidários de Whitefield romperam com a igreja do doutor Cotton, sobre a colina, em 1743, e fundaram a igreja Deacon Snow, do outro lado da Great Bridge, Curwen fora com eles, embora seu zelo e frequência logo diminuíssem. Agora, entretanto, mais uma vez dava mostras de devoção, como para dissipar as sombras que o haviam atirado no isolamento e que em breve, se não fossem prontamente detidas, começariam a arruinar o sucesso dos seus negócios.

A vista desse homem estranho, pálido, que no aspecto mal tocava a meia-idade, embora certamente não contasse menos de um século, tentando finalmente emergir de uma nuvem de medo e abominação, demasiado vaga para ser definida ou analisada, era uma coisa ao mesmo tempo patética, dramática e desprezível. Tal é, entretanto, o poder da riqueza e dos gestos exteriores que, na verdade, a visível aversão a seu respeito diminuiu um pouco; principalmente depois que os repentinos desaparecimentos dos seus marinheiros cessaram abruptamente. Do mesmo modo, começou talvez a usar de extremo cuidado e sigilo em suas expedições aos cemitérios, porque nunca mais foi apanhado nessas peregrinações, ao passo que diminuía proporcionalmente os comentários sobre os sons e manobras misteriosas em sua fazenda de Pawtuxet. O volume do consumo de alimentos e a substituição do gado continuaram anormalmente elevados; mas jamais até os tempos modernos, quando Charles Ward examinou uma pilha de contas e faturas na Biblioteca Shepley, ocorreu a alguém — salvo talvez a um jovem angustiado — fazer tenebrosas comparações entre o grande número de negros da Guiné que ele importara até 1766 e a quantidade perturbadoramente pequena daqueles para os quais ele podia apresentar notas de venda a comerciantes de escravos da Great Bridge ou aos plantadores de Narragansett Country. Com certeza, a astúcia e engenhosidade desse detestado personagem eram misteriosamente profundas quando se convenceu da necessidade de utilizá-las.

Mas é claro que o efeito dessa tardia regeneração foi necessariamente leve. Curwen continuava a ser evitado e detestado, como, em realidade, o simples fato de mostrar constantemente um aspecto jovem numa idade avançada bastaria para justificar; e ele percebia que seu sucesso provavelmente acabaria sendo prejudicado por isso. Seus estudos e experiências elaboradas, quaisquer que fossem, exigiam aparentemente uma vultosa renda para serem realizados; e como uma mudança de ambiente o privaria da posição que alcançara com seus negócios, não seria vantajoso para ele, a essa altura, começar de novo num lugar diferente. O bom senso exigia que ele melhorasse de algum modo suas relações com os cidadãos de Providence, de modo que sua presença deixasse de ser motivo de conversas a meia voz, de evidentes desculpas de serviços a fazer em outro lugar e de uma atmosfera geral de embaraço e mal-estar. Seus empregados, reduzidos agora a um rebotinho inepto e indigente que ninguém mais contrataria, davam-lhe muitas preocupações; e só conservava seus capitães e imediatos pela astúcia, tentando ganhar algum tipo de ascendência sobre eles — uma hipoteca, uma nota promissória ou uma informação muito útil para seu bem-estar. Em muitos casos, os autores dos diários registraram com certo espanto, Curwen mostrava quase o poder de um bruxo desenterrando segredos de família para utilizá-los de modo questionável. Nos últimos cinco anos de sua vida, parecia que só uma conversa direta com os defuntos poderia fornecer as informações que ele exibía com tanta facilidade.

Mais ou menos nessa época, o astuto estudioso encontrou um último desesperado expediente para reconquistar sua posição na comunidade. Até então um completo ermitão, resolveu contrair um vantajoso matrimônio, tomando como esposa alguma dama cuja posição indiscutível tornasse impossível qualquer forma de ostracismo contra seu lar. Talvez ele também tivesse razões mais profundas para desejar uma aliança, razões tão alheias à esfera cósmica conhecida que somente os papéis encontrados um século e meio após sua morte alguém suspeitaria delas; mas jamais será possível saber algo seguro a esse respeito. Naturalmente, ele tinha consciência do horror e da

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

